

**UNIVERSIDADE BRASIL  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM MEDICINA VETERINÁRIA  
CAMPUS ITAQUERA**

**MIRIAN TAVARES DE OLIVEIRA**

**ESPOROTRICOSE FELINA: RELATO DE CASO**

São Paulo – SP

2023

MIRIAN TAVARES DE OLIVEIRA

ESPOROTRICOSE FELINA: RELATO DE CASO

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação apresentado à Universidade Brasil, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Bacharel em Medicina Veterinária.

Prof<sup>a</sup>. Esp<sup>a</sup>. Fabiana Justo  
**Orientadora**

São Paulo – SP  
2023

O48e OLIVEIRA, Mirian Tavares de.  
Esporotricose felina: relato de caso / Mirian Tavares de Oliveira --  
São Paulo: Universidade Brasil, 2023.  
29 f. il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso de Medicina Veterinária da  
Universidade Brasil.

Orientação: Profa. Fabiana Justo.

1. Epidemiologia. 2. Esporotricose Felina. 3. Gato. 4. *Sporothrix*. 5.  
Tratamento. I. Justo, Fabiana. II. Título.

CDD 636.089

## DEDICATÓRIA

Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso à minha filha Kauany Gabrieli. Mesmo estando distantes fisicamente, seu amor e apoio incondicionais estão sempre presentes em meu coração.

Você é minha fonte de inspiração e motivação ao longo desta jornada acadêmica. Sua coragem em explorar novos horizontes e enfrentar desafios em um país distante é admirável e mesmo separadas pela distância nosso vínculo afetivo fortalece minha determinação em alcançar meus objetivos.

Cada obstáculo superado é uma prova de amor, não apenas pelo conhecimento, mas também pela nossa família. Seu apoio e amor têm me dado forças nessa trajetória.

Espero que esta dedicatória seja uma lembrança constante de que, apesar da distância, nosso amor e apoio nos fortalecem e nos inspiram a alcançar grandes conquistas.

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de expressar minha gratidão a todas as pessoas que contribuíram para a minha formação acadêmica. Agradeço aos amigos, familiares, professores e funcionários da Universidade Brasil pelo apoio, incentivo, ensinamentos e orientação ao longo dessa jornada.

Sou grata à Clínica Veterinária da Universidade Brasil pela oportunidade de estágio, experiência prática e aprendizado proporcionados. Quero agradecer especialmente à minha orientadora, Prof<sup>a</sup> Fabiana Justo, e ao coordenador do curso, Prof<sup>o</sup> Gabriel Bottini, pelo suporte e sabedoria transmitidos.

Dedico um agradecimento especial à minha amada mãe, que infelizmente não está mais presente fisicamente, por ser minha maior inspiração. Seu amor, dedicação e sacrifícios moldaram quem sou hoje.

À minha família, amigos, professores, funcionários da clínica, orientadora e coordenador, minha profunda gratidão, e espero honrar a memória de minha mãe retribuindo todo o apoio recebido, fazendo a diferença no mundo e tornando todos vocês orgulhosos.

*“Porque eu bem sei os planos que estou projetando para vós, diz o Senhor;  
planos de paz, e não de mal, para vos dar um futuro e uma esperança.”*

Jeremias 29:11

## RESUMO

A esporotricose felina é uma doença causada por fungos do gênero *Sporothrix* e é comum em felinos, podendo afetar também humanos e outros animais domésticos. A doença é mais prevalente em regiões tropicais e subtropicais e é causada por diferentes espécies de *Sporothrix* spp, sendo o *S. brasiliensis* o mais comum no Brasil. A infecção ocorre quando esporos ou fragmentos do fungo entram na pele ou feridas, e os gatos infectados podem transmiti-la para outros animais através de mordidas, arranhões e contato com fluidos. Os sinais clínicos incluem nódulos, pápulas e úlceras na cabeça, cauda e patas dos gatos. O diagnóstico é feito por meio de exames laboratoriais como cultura fúngica, exame cito e histopatológico, imunohistoquímica, PCR e teste sorológico. O tratamento mais comum envolve o uso do medicamento itraconazol, durante o período de algumas semanas a alguns meses, de acordo com cada caso, sendo recomendado isolar o gato durante o tratamento. A castração dos animais e a educação da população sobre a doença são medidas importantes para prevenção. No Brasil, a falta de políticas de saúde pública efetivas resultou em um aumento nos casos de esporotricose felina, tornando-a a micose subcutânea mais comum no país, sendo crucial que os veterinários estejam preparados para diagnosticar, tratar e prevenir a doença, além de educar os proprietários e a população em geral. Desse modo, em razão do aumento no número de casos dessa doença e do seu potencial zoonótico, objetivou-se nesse trabalho relatar um caso de infecção por *Sporothrix* sp. de um felino resgatado da rua, fêmea, não castrada, sem raça definida, com 10 meses de idade e 3,1 kg, proveniente da Região Metropolitana de São Paulo.

**Palavras-chave:** Epidemiologia; Esporotricose Felina; Gato; *Sporothrix*; Tratamento.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Lesões constatadas no exame clínico do paciente.....	19
Figura 2 - Lâmina do exame citopatológico confirmando a presença de estruturas leveduriformes compatíveis com o <i>Sporothrix</i> sp.....	20
Figura 3 - Exame de pesquisa direta de <i>Sporothrix</i> sp. e <i>Cryptococcus</i> sp.....	21
Figura 4 - Exame de serologia para FIV e FeLV.....	21
Figura 5 - Animal após a finalização do tratamento para esporotricose felina.....	22



## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Hemograma simplificado do paciente examinado no relato de caso.....	21
--	----

## LISTA DE SIGLAS, ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

°C	Graus Celsius
bpm	Batimentos por minuto
C.H.C.M	Concentração de hemoglobina corpuscular média
ELISA	Ensaio de Imunoabsorção Enzimática (Enzyme-Linked Immunosorbent Assay)
FeLV	Leucemia Viral Felina
FIV	Imunodeficiência Viral Felina
fl	Fentolitro
g/dl	Grama por decilitro
H.C.M.	Hemoglobina corpuscular média
ITZ	Itraconazol
kg	Quilograma
mg	Miligrama
mm <sup>3</sup>	Milímetro cúbico
PCR	Reação em Cadeia da Polimerase (Polymerase Chain Reaction)
pg	Picograma
rpm	Respirações por minuto
<i>S. brasiliensis</i>	<i>Sporothrix brasiliensis</i>
<i>S. globosa</i>	<i>Sporothrix globosa</i>
<i>S. luriei</i>	<i>Sporothrix luriei</i>

<i>S. schenckii</i>	<i>Sporothrix schenckii</i>
sp.	Espécie
spp.	Gênero
SRD	Sem raça definida
V.C.M	Volume corpuscular médio

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>2 OBJETIVOS .....</b>	<b>18</b>
<b>3 DESCRIÇÃO DO CASO .....</b>	<b>19</b>
<b>4 DISCUSSÃO .....</b>	<b>23</b>
<b>5 CONCLUSÃO .....</b>	<b>26</b>
<b>6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>27</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A Esporotricose é uma doença zoonótica caracterizada como uma micose subcutânea causada por fungos dimórficos do gênero *Sporothrix* e com alta ocorrência em felinos (FERREIRA; MENCALHA, 2022).

Apesar do seu agente causador, o *Sporothrix* sp., ser um fungo saprófito (que vive no solo e na vegetação), onde no ambiente natural atua na decomposição de restos vegetais, madeira, feno, palha, musgo, etc., em muitos casos ele também pode interagir de forma patogênica com humanos e animais domésticos, ocasionando a ocorrência da Esporotricose (QUINN et al., 2011; TORTORA et al., 2016).

A doença possui distribuição global, com maior prevalência em regiões tropicais e subtropicais. O primeiro caso descrito ocorreu em 1898 nos Estados Unidos, onde a espécie *Sporothrix schenckii* foi determinada até então como agente causador da doença. Por muitos anos acreditou-se que a doença possuía apenas um agente etiológico, porém em 2007, foi identificada a espécie *Sporothrix brasiliensis*, após diversos estudos relacionados a casos de infecção dessa doença no Brasil (GREMIÃO et al., 2021).

Atualmente é reconhecido que a doença é causada por um complexo de espécies pertencentes ao gênero *Sporothrix*, com especial destaque para o *S. brasiliensis*, *S. schenckii* sensu stricto, *S. globosa* e *S. luriei*, pois essas espécies expressam maior virulência patogênica em mamíferos (HAN; KANO, 2021). No Brasil, o *S. brasiliensis* é o agente etiológico responsável pela maioria dos casos de esporotricose relatados em felinos e humanos (cerca de 90% dos casos), possuindo alta virulência e resistência a antifúngicos sintéticos de amplo espectro em diversos casos (GREMIÃO et al., 2021).

A infecção é geralmente adquirida no ambiente, como resultado da inoculação dos esporos ou fragmentos do *Sporothrix* sp. em contato com abrasões na pele ou feridas, onde o fungo se desenvolve na forma de levedura. No caso dos gatos infectados, esses carregam o microrganismo nas cavidades nasal e oral, bem como nas garras, facilitando assim a transmissão para outros animais por meio de mordidas, arranhões e contato com fluidos de outros gatos infectados, sendo mais frequentes em felinos domésticos com idade reprodutiva e com acesso às ruas,

onde ocorrem interações por disputas territoriais e/ou fêmeas. Em casos específicos também pode ocorrer por vias alternativas, aérea ou digestiva, ocasionando uma doença sistêmica (DOS SANTOS et al., 2022; QUINN et al., 2011; TORTORA et al., 2016).

A esporotricose é uma micose subcutânea de caráter benigno, subaguda ou crônica, e geralmente restrita a pele e ao tecido subcutâneo, mas que pode em alguns casos comprometer também o sistema linfático ou ocorrer de forma disseminada, principalmente em indivíduos imunocomprometidos (DOS SANTOS et al., 2022; FERREIRA; MENCALHA, 2022).

Os sinais clínicos característicos da esporotricose felina são a presença de nódulos em regiões da cabeça, cauda e patas dos indivíduos afetados, que podem progredir resultando na formação de pápulas e úlceras que liberam um exsudato sero-purulento, sero-sanguinolento ou hemorrágico. As formas mais comuns da doença são a cutânea fixa e disseminada, com a presença de lesões purulentas, nodulares e crostosas, de formato circular, elevadas e com alopecia na região, que se não tratadas evoluem para um processo necrótico. Em casos de níveis mais altos de disseminação, o indivíduo afetado pode apresentar anormalidades oculares, neurológicas e linfáticas (DOS SANTOS et al., 2022; QUINN et al., 2011; SILVA; NEGRINI, 2023).

A esporotricose felina é diagnosticada pela correlação dos sinais clínicos, epidemiológicos e exames laboratoriais, com enfoque no diagnóstico laboratorial, visto que os aspectos clínicos das lesões cutâneas dessa doença podem mimetizar outros tipos de lesões dermatológicas como micobacteriose, actinomicose, leishmaniose, criptococose, entre outras, e as lesões ulcerativas podem ser confundidas com pioderma gangrenoso, necessitando assim de um diagnóstico diferencial (RODRIGUES et al., 2022).

Existem várias formas de realizar o diagnóstico da doença, que pode ser baseado pelo isolamento e identificação do *Sporothrix* spp. em cultura fúngica, por exame cito e histopatológico, imunohistoquímica, técnicas moleculares (como a PCR) e teste sorológico (como o ELISA). Além disso, exames laboratoriais complementares como hemograma e perfil bioquímico também podem auxiliar no diagnóstico, visto que anemia, leucocitose neutrofílica, gamopatias e

hipoalbuminemia são comumente observados em casos da doença (RODRIGUES et al., 2022).

A cultura fúngica com o isolamento do *Sporothrix* spp. é o padrão ouro para o diagnóstico da doença, apresentando alta sensibilidade (95%), sendo realizado por meio da colheita de amostras de lesões da pele, secreções e/ou biópsia das lesões. No entanto, devido a limitações como a dificuldade de processar o material biológico no local de atendimento, o custo e o tempo para liberação do diagnóstico final, fazem com que não seja o exame mais utilizado. Desse modo, o exame citopatológico, que analisa a morfologia das células do tecido e das amostras, entra como uma opção mais viável para uso na rotina, pois consegue detectar em média 80% dos casos de esporotricose em gatos, podendo ser realizado no próprio local de atendimento, com baixo custo e praticidade (SILVA; NEGRINI, 2023).

O itraconazol (ITZ) é o principal medicamento indicado no tratamento da esporotricose felina e sua utilização varia de algumas semanas a vários meses, com tratamento diário contínuo de duração de pelo menos um mês após a cicatrização das feridas do animal. A dose clássica para terapia realizada com ITZ é de 5-10 mg/kg/dia, por pelo menos 2 meses para a remissão dos sinais cutâneos da doença e com cura clínica podendo ocorrer dentro de 3 a 5 meses. Em casos mais graves ou de difícil melhora clínica, altas doses (entre 8,3-27,7 mg/kg/dia ou 100 mg/gato/dia) podem ser recomendadas. No entanto, mesmo após o término do tratamento, pode ocorrer a recorrência das lesões cutâneas (NAKASU et al., 2021).

Durante o tratamento, recomenda-se que o gato permaneça isolado de outros animais, sendo assim, é necessária a cooperação dos tutores para maior sucesso da resposta terapêutica. Não é recomendado o uso de antifúngicos tópicos, e o uso de outros medicamentos tópicos (como pomada repelente de insetos) durante o tratamento deve ser realizado com cautela em animais doentes, a fim de evitar a transmissão zoonótica da doença para humanos. Em casos de infecção bacteriana concomitante, também deve ser realizada a antibioticoterapia sistêmica, e medicamentos imunossupressores são contra-indicados durante o tratamento, pois podem ocasionar a piora do animal ou recorrência da doença (GREMIÃO et al., 2021).

Devido a inexistência de uma vacina contra a esporotricose, dentre as principais medidas de profilaxia, indica-se a realização campanhas para informar a população e os profissionais de saúde humana e veterinária sobre as características da doença, a limpeza do ambiente de convívio dos animais e a castração dos animais, tanto os previamente sadios quanto os clinicamente curados, pois esse procedimento diminui o instinto de caça, acasalamento e disputas territoriais, reduzindo a chance de transmissão e/ou reincidência do *Sporothrix* spp (DE OLIVEIRA; CHUCRI, 2020).

O diagnóstico precoce e tratamento também são fundamentais para reduzir rapidamente a carga fúngica e o risco de transmissão da doença pelos gatos, garantindo a prevenção adequada aos tutores e diminuindo seu potencial zoonótico (GREMIÃO, 2020). A falta de políticas de saúde pública efetivas e de abrangência nacional e o constante aumento dos casos de esporotricose felina no Brasil, atenuados por sua importância zoonótica, fizeram com que essa doença, anteriormente rara, se tornasse a micose subcutânea de maior ocorrência no Brasil (DE FRANKLIN et al., 2021).

Assim, é necessário que os profissionais de medicina veterinária estejam preparados para diagnosticar e tratar essa doença, bem como informar os tutores e a população em geral sobre as medidas de prevenção, controle e identificação de possíveis sintomas para que as ações corretas sejam posteriormente tomadas.



## 2 OBJETIVOS

Este trabalho tem como objetivo descrever um caso clínico da doença Esporotricose Felina, que possui como agente causador fungos do gênero *Sporothrix*.

Visa também fornecer informações a respeito do panorama geral da doença, características etiológicas e epidemiológicas, sinais clínicos e principais sintomas, ferramentas de diagnóstico, protocolo de tratamento, medidas de profilaxia e controle, e potencial zoonótico.

### 3 DESCRIÇÃO DO CASO

No final do mês de fevereiro de 2023 foi realizado um atendimento na Clínica Veterinária da Universidade Brasil, na cidade de São Paulo, no bairro de Itaquera, de um felino recém resgatado da rua por sua tutora. A tutora relatou que o animal possuía lesões no nariz, na boca e que apesar de demonstrar apetite, alimentando-se de sachê, não havia aceitado água até o presente momento. Mencionou também que as fezes e urina do animal pareciam normais.

O animal, em uma avaliação inicial, foi definido como do sexo feminino, não castrada, sem raça definida (SRD), não vacinada, com peso registrado de 3,1 kg e idade estimada de 10 meses. Durante o exame clínico a gata mostrou-se alerta, com mucosas normocoradas, linfonodos sem alterações, sem identificação de ruídos pulmonares durante a auscultação e sem sensibilidade abdominal. Também foi aferida a frequência cardíaca (168 bpm), a frequência respiratória (32 rpm) e a temperatura corporal (38°C) do animal, todas dentro dos parâmetros normais. No entanto, foi constatada a presença de lesões ulceradas no nariz (Figura 1A), pequenas feridas alopecias nas orelhas (Figura 1B) e leve desidratação.

Figura 1 - Lesões constatadas no exame clínico do paciente.

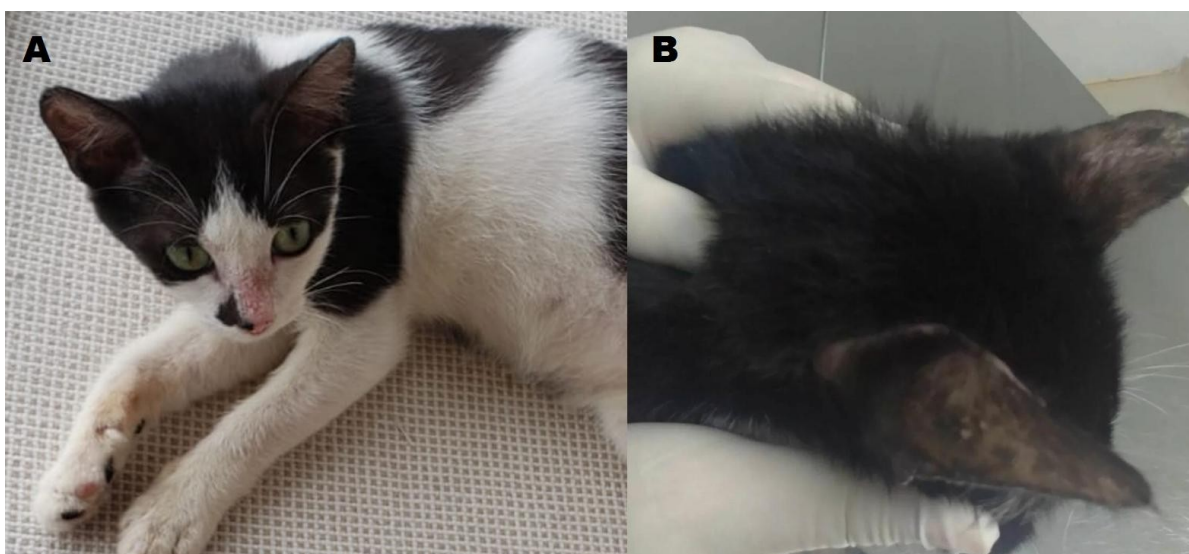
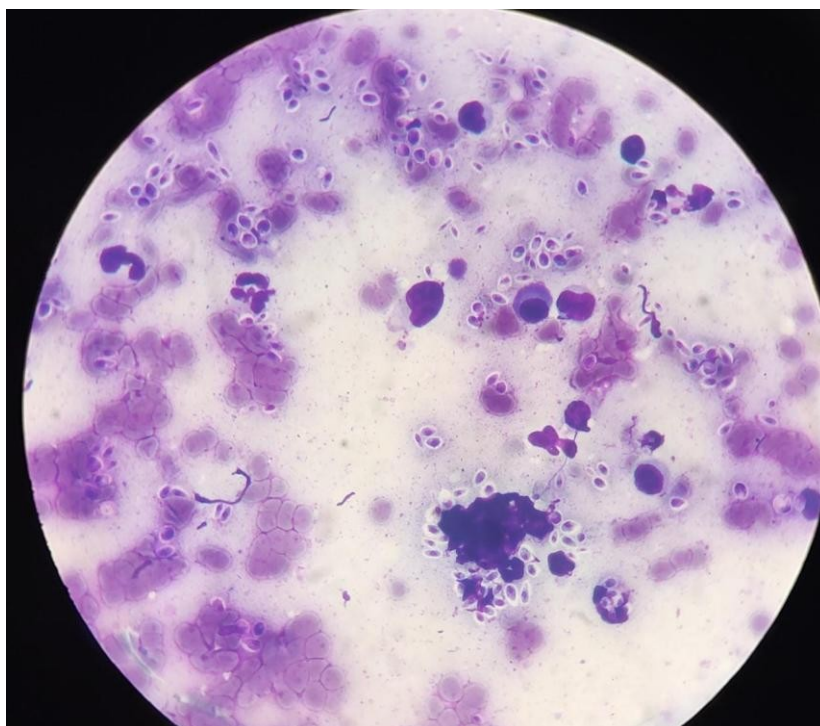


Figura 1A: Lesões ulceradas no nariz. Figura 2A: Pequenas feridas alopecias nas orelhas.

Fonte: autoria própria

A partir do exame clínico o diagnóstico presuntivo foi de esporotricose felina, desse modo, na Clínica Veterinária da Universidade Brasil foi realizado o exame citopatológico, onde na presença da tutora foi realizada a coleta por *imprint* na lesão, com posterior coloração com o corante panótico. Na lâmina (Figura 2) foi observada a presença de estruturas leveduriformes, ovaladas e arredondadas, compatíveis com o *Sporothrix* sp.

Figura 2 - Lâmina do exame citopatológico confirmando a presença de estruturas leveduriformes compatíveis com o *Sporothrix* sp.



Fonte: autoria própria

Como forma de obter um diagnóstico de confirmação e também detecção de outras possíveis doenças pré-existentes, também foi encaminhado um pedido para os exames de: hemograma completo, pesquisa direta de *Sporothrix* sp. e *Cryptococcus* sp., e serologia para FIV e FeLV em um laboratório especializado. Após o laudo dos exames ser disponibilizado pelo laboratório, a tutora retornou à clínica veterinária para dar prosseguimento ao tratamento.

O resultado do hemograma (Tabela 1) não revelou alterações significativas no estado de saúde do paciente. O exame de pesquisa direta confirmou positivo para a presença de *Sporothrix* sp. (Figura 3) e a serologia para FIV e FeLV não foi reagente nesse caso (Figura 4).

Tabela 1- Hemograma simplificado do paciente examinado no relato de caso.

Parâmetros	Resultado do Paciente	Valores de Referência
Eritrócitos	10,64 milhões/mm <sup>3</sup>	5,0 a 10,0 milhões/mm <sup>3</sup>
Hemoglobina	17,6 g/dl	8,0 a 15,0 g/dl
Hematócrito	49%	24 a 45%
V.C.M	46,05 fl	39 a 55 fl
H.C.M	16,54 pg	12,5 a 17,5 pg
C.H.C.M.	35,92%	30 a 36%
Leucócitos - Global	20,40 mil/mm <sup>3</sup>	5,5 a 19,5 mil/mm <sup>3</sup>
Neutrófilos Bastonetes	0%	0 a 3%
Neutrófilos Segmentados	83%	35 a 75%
Eosinófilos	6%	2 a 12%
Basófilos	0%	0 a 1%
Linfócitos	27%	20 a 55%
Monócitos	4%	1 a 4%
Plaquetas	231 mil/mm <sup>3</sup>	200 a 500 mil/mm <sup>3</sup>

Fonte: autoria própria

Figura 3 - Exame de pesquisa direta de *Sporothrix* sp. e *Cryptococcus* sp.

**PESQUISA DE SPOROTHRIX SP E CRYPTOCOCCUS SP**

Material...: Swab nasal, de pele, imprint da lesão

Metodologia: COLORAÇÃO POR PANÓTICO RÁPIDO

Resultado:..... Presença de *Sporothrix* sp.

OBSERVAÇÃO..... Em caso de resultado negativo, deve-se correlacionar com o histórico do paciente e, se o clínico julgar necessário, realizar outros exames, como por exemplo: análise histopatológica e/ou cultura fúngica.

Fonte: autoria própria

Figura 4 - Exame de serologia para FIV e FeLV.

**Sorologia - FIV (Imunodeficiência Viral Felina) / FeLV (Leucemia Viral Felina)**

Material...: SORO OU PLASMA

Metodologia: IMUNOCROMATOGRAFIA

Imuno. Viral Felina (FIV)..... Não reagente

Leucemia Viral Felina (FeLV).. Não reagente

Interpretação..... Este teste é altamente específico, detectado um grupo específico de antígenos chamado P27, encontrado em altos níveis nos felinos infectados. Animais positivos devem ser retestados após 4 semanas. Um segundo teste positivo indica infecção persistente, enquanto que o segundo resultado negativo é indicativo de uma reação imune do animal ao FELV.

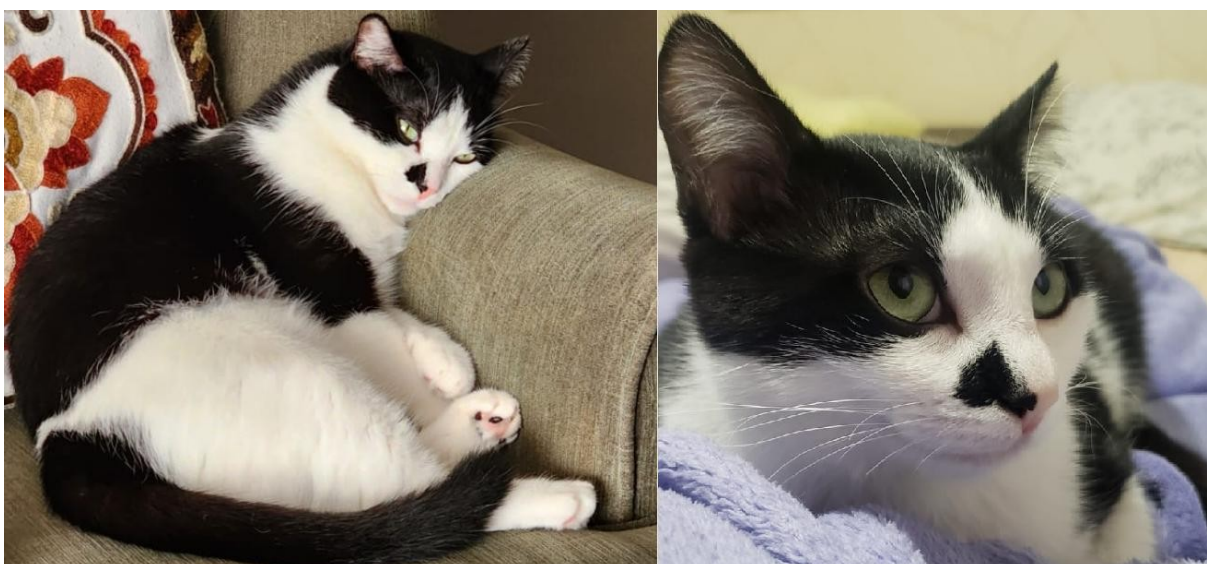
Fonte: autoria própria

Com base nos sintomas apresentados pela gata e no diagnóstico confirmado de esporotricose felina, foi prescrito como tratamento o uso do medicamento Itraconazol, na dosagem de 100 mg/animal/dia por via oral, com a recomendação de inicialmente administrar 1 comprimido/dia pelo período de 30 dias, e que ao final desse período a tutora deveria realizar o retorno para posterior avaliação da eficácia do tratamento. Também foi solicitado a tutora que utilizasse o colar elizabetano na gata, como forma de evitar que o animal lambesse, mordesse ou arranhasse as lesões.

Após alguns retornos, onde foi mantido o tratamento e a dosagem inicial, e seguindo o tratamento de maneira adequada, a tutora relatou que o animal apresentou melhora, se alimentando melhor e bebendo água, mas que em apresentava sintomas de gripe esporadicamente.

Cerca de 90 dias após o início do tratamento, em um último retorno, foi constatado que o animal apresentava melhora significativa, estando quase completamente curado, com suas lesões e feridas cicatrizadas, sem apresentar mais sintomas de espirros nem tosse, indicando resposta positiva e eficaz ao tratamento realizado (Figura 5).

Figura 5 - Animal após a finalização do tratamento para esporotricose felina.



Fonte: autoria própria

## 4 DISCUSSÃO

A esporotricose é geralmente adquirida através da inoculação direta do fungo saprófito *Sporothrix* spp. na pele do hospedeiro. No passado, a doença era frequentemente adquirida em acidentes envolvendo restos vegetais, sendo conhecida como "doença do jardineiro". Em muitas partes do mundo, essa ainda é a forma mais comum de contágio. No entanto, no Brasil, a forma mais comum de contágio atualmente é através de arranhões, mordidas ou contato direto da pele lesionada com gatos doentes ou portadores do fungo, tornando-se uma importante zoonose (CARDOSO et al, 2023).

O *S. brasiliensis* é a principal causa da esporotricose felina no Brasil, sendo mais virulento que outras espécies e apresentando alto potencial de transmissão enzoótica e zoonótica, frequentemente causando surtos ou epidemias. Acredita-se que essa espécie tenha se adaptado principalmente às condições de temperatura do organismo felino. Os primeiros casos de surtos registrados de esporotricose felina na cidade de São Paulo ocorreram em março de 2011 no bairro de Itaquera, uma região com acesso limitado a serviços públicos de saúde e condições sanitárias precárias. Desde então, houve um aumento significativo no número de casos de esporotricose em gatos e humanos nas regiões menos privilegiadas da cidade, assim como em outras cidades da região metropolitana de São Paulo (SILVA et al, 2019).

Diversos fatores podem determinar a ocorrência dessas infecções fúngicas, incluindo a virulência do fungo, a imunidade do hospedeiro e fatores ambientais, como temperatura, umidade e presença de matéria orgânica. Além disso, fatores sociais, como falta de saneamento, pobreza, hábitos de higiene da população e conhecimento sobre a doença, também desempenham um papel importante no aumento do número de casos (BEDRIKOW; MENCALHA, 2022).

Nos gatos, apesar da esporotricose ser mais comum em machos não castrados, jovens e com acesso à rua, a transmissão pode ocorrer para todos os indivíduos por meio de brigas, durante a cópula e também pelo contato direto com a lesão de um animal doente (ARAÚJO et al, 2020). Apesar do caso relatado ser referente a um animal do sexo feminino, o fato da mesma não ser castrada e ter

aparentemente vivido nas ruas até ser resgatada por sua tutora, pode ter sido um fator determinante para que a gata contraísse a doença.

O animal descrito neste relato exibiu lesões ulceradas no nariz e feridas alopecicas nas orelhas. Essas características podem ser facilmente confundidas com infecções bacterianas ou outras doenças que são diagnósticos diferenciais da esporotricose, ressaltando a importância da realização dos exames laboratoriais para um diagnóstico mais preciso (DE OLIVEIRA et al, 2021).

No caso relatado, a utilização do método de citopatologia por *imprint* de lâmina com posterior coloração com corante panótico para o diagnóstico inicial da esporotricose foi vantajoso, pois esse é um exame de baixo custo e eficiente na identificação de esporotricose felina, uma vez que os animais doentes geralmente apresentam uma carga parasitária alta nas lesões cutâneas (GUIMARÃES; GUIMARÃES, 2022). Ainda assim, também foram realizados outros exames descritos pela literatura para a confirmação definitiva do diagnóstico, dentre eles o exame de pesquisa direta para *Sporothrix* sp., que confirmou positivo para a doença, resultando no início do tratamento do animal.

O itraconazol é o antifúngico mais indicado para tratar a esporotricose em gatos devido à sua eficácia e segurança, o que o coloca à frente dos demais antifúngicos disponíveis para uso em animais. A dose recomendada de itraconazol para gatos varia de 5 a 10 mg/kg/dia, no entanto, estudos afirmam que essa dose pode variar de 30 a 100 mg/kg/dia ou de 100 mg/gato/dia, dependendo da escolha do veterinário (GUIMARÃES; GUIMARÃES, 2022; NAKASU et al., 2021). No tratamento realizado neste relato de caso, foi utilizada a dose de 100 mg/gato/dia, administrada via oral na forma de comprimido, durante um período de 90 dias, onde após 60 dias de tratamento observou-se a recuperação clínica da gata, mas deu-se continuidade ao tratamento por mais 30 dias, conforme recomendado pela literatura.

O médico veterinário desempenha um papel crucial no controle da esporotricose, devendo agir com cautela e possuir conhecimento adequado sobre os cuidados necessários para com um animal diagnosticado com essa doença. Isso inclui proteger-se durante o manuseio do animal no consultório e fornecer as orientações adequadas ao tutor em relação ao manejo correto e tratamento adequado. É essencial que os animais positivos para a esporotricose sejam

mantidos em um ambiente restrito, com constante desinfecção do local, e separados dos outros animais saudáveis (COSTA et al., 2021; SORDI, 2023).



## **5 CONCLUSÃO**

A esporotricose é uma doença zoonótica que apresenta importância significativa em termos de saúde pública. No Brasil, há várias regiões endêmicas onde a doença é prevalente. Nos últimos anos, houve um aumento na atenção dada à contaminação entre felinos e seres humanos. O exame citopatológico é uma ferramenta amplamente utilizada para o diagnóstico, devido à sua facilidade de acesso, rapidez e baixo custo. Por meio deste relato de caso, observou-se a importância do diagnóstico precoce e do início do tratamento no manejo da doença, a fim de evitar a progressão do quadro e a contaminação de outros animais e pessoas. O papel do médico veterinário é extremamente importante nestes casos, pois é ele quem orienta os tutores sobre o manejo adequado e o tratamento do animal afetado.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, A. K. L et al. Esporotricose felina e humana – relato de um caso zoonótico. **Revista Brasileira de Higiene e Sanidade Animal**, v. 14, p. 237–247. <https://doi.org/10.5935/1981-2965.20200021>.

BEDRIKOW, S. L.; NOVAIS-MENCALHA, R. Esporotricose felina responsiva ao tratamento com itraconazol em São Paulo: Relato de caso. **Pubvet**, v. 16, n. 11, 2022. <https://doi.org/10.31533/pubvet.v16n11a1260.1-9>

CARDOSO, T. C. M. et al. Perfil clínico-epidemiológico de felinos domésticos notificados com esporotricose no município de São Paulo no ano de 2020. **BEPA. Boletim Epidemiológico Paulista**, v. 20, p. 1-14, 2023. <https://doi.org/10.57148/bepa.2023.v.20.38469>

COSTA, G. P. et al. Esporotricose felina: relatos de casos. **Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária**, v. 2, n. 37, p. 1-6, 2021. Disponível em: <[http://www.faeef.revista.inf.br/imagens\\_arquivos/arquivos\\_destaque/4rDRbaSlndUUsxF\\_2022-2-2-14-51-40.pdf](http://www.faeef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/4rDRbaSlndUUsxF_2022-2-2-14-51-40.pdf)>. Acesso em: 02 jun. 2023.

DE FRANKLIN, K. B. L. et al. Esporotricose zoonótica e sua relação com o ambiente rural e urbano: Revisão. **Pubvet**, v. 16, p. 1-6, 2022. <https://doi.org/10.31533/pubvet.v16n05a1107.1-5>

DE OLIVEIRA, E. C.; CHUCRI, T. M. Prevalência de Esporotricose no Centro de Controle de Zoonoses na cidade de Peruíbe. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 8, p. 63552-63562, 2020. <https://doi.org/10.34117/bjdv6n8-692>

DE OLIVEIRA, N. A. et al. Diagnóstico citológico de esporotricose felina na região da Zona da Mata Mineira: Relato de caso. **Pubvet**, v. 15, p. 181, 2021. <https://doi.org/10.31533/pubvet.v15n06a841.1-7>

DOS SANTOS, A. N. et al. Esporotricose em felino: Revisão. **Pubvet**, v. 16, p. 195, 2022. <https://doi.org/10.31533/pubvet.v16n08a1198.1-4>

FERREIRA, L. S.; MENCALHA, R. N. Esporotricose felina: Relato de caso. **Pubvet**, v. 16, p. 197, 2022. <https://doi.org/10.31533/pubvet.v16n09a1208.1-5>

GREMIÃO, I. D. F. et al. Guideline for the management of feline sporotrichosis caused by *Sporothrix brasiliensis* and literature revision. **Brazilian journal of Microbiology**, v. 52, p. 107-124, 2021. <https://doi.org/10.1007/s42770-020-00365-3>

GREMIÃO, I. D. F. et al. Geographic expansion of sporotrichosis, Brazil. **Emerging infectious diseases**, v. 26, n. 3, p. 621, 2020. <https://doi.org/10.3201/eid2603.190803>.

GUIMARÃES, T. M.; GUIMARÃES, A. B. Esporotricose felina: Relatos de caso. **Pubvet**, v. 16, p. 191, 2022. <https://doi.org/10.31533/pubvet.v16n01a1005.1-6>

HAN, H. S.; KANO, R. Feline sporotrichosis in Asia. **Brazilian Journal of Microbiology**, v. 52, n. 1, p. 125-134, 2021. <https://doi.org/10.1007/s42770-020-00274-5>

NAKASU, C. C. T. et al. Feline sporotrichosis: a case series of itraconazole-resistant *Sporothrix brasiliensis* infection. **Brazilian Journal of Microbiology**, v. 52, p. 163-171, 2021. <https://doi.org/10.1007/s42770-020-00290-5>

QUINN, P. J. et al. **Veterinary microbiology and microbial disease**. John Wiley & Sons, 2011.

RODRIGUES, A. M.; GONÇALVES, S. S.; DE CARVALHO, J. A.; BORBA-SANTOS, L. P.; ROZENTAL, S.; CAMARGO, Z. P. D. Current Progress on Epidemiology, Diagnosis, and Treatment of Sporotrichosis and Their Future Trends. **Journal of Fungi**, 2022, v. 8, p. 776. <https://doi.org/10.3390/jof8080776>

SILVA, E. A. et al. Esporotricose: situação na cidade de São Paulo e a importância do clínico veterinário na vigilância dessa zoonose. **Boletim APAMVET**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 11-14, 2019. Disponível em: <<http://www.publicacoes.apamvet.com.br/PDFs/Artigos/83.pdf>>. Acesso em: 27 mai. 2023.

SILVA, G. L.; NEGRINI, L. K. O. Esporotricose em felinos domésticos: revisão de literatura. **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP**, v. 21, 2023. <https://doi.org/10.36440/recmvz.v21.38419>

SORDI, P. S. B. R. **Esporotricose felina: relato de caso**. 2023. Monografia (Especialização em Patologia Clínica Veterinária) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/258475>>. Acesso em: 30 mai. 2023.

TORTORA, G. J.; CASE, C. L.; FUNKE, B. R. **Microbiologia-12ª Edição**. Artmed Editora, 2016.